

in course



ILUSTRACÃO BRASILEIRA



JORNAL DE ARTES, SCIENCIAS E LETTRAS

Volume IV. — N. 37

JANEIRO DE 1878

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada numero contem 20 paginas de texto e gravuras



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA DO « IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO »

61 — RUA D'AJUDA (FLORESTA) — 61

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ASSIGNATURAS

Cópias e Nichesny, ann..... 14\$000 Para as provincias, ann..... 16\$000
 Sem meses..... 7\$500 Sem meses..... 8\$000
 Assigra-se no IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO, rua d'Ápuda n. 61 (Floresta)

ANNO II.

ASSIGNATURAS

Cópias e Nichesny, ann..... 14\$000 Para as provincias, ann..... 16\$000
 Sem meses..... 7\$500 Sem meses..... 8\$000
 Assigra-se no IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO, rua d'Ápuda n. 61 (Floresta)

N. 37.

Publica-se no dia 1 de cada mes.

Rio de Janeiro. — Janeiro de 1878.

Contém 20 paginas de texto e gravuras.

Vol. IV.



UMA FAMÍLIA DE SATYROS

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Com o numero presente encostamos o IV volume deste periodico.

Agradecemos a todos os que durante o largo periodo vencido, nos prestaram sua cooperação, já sendo constantes em suas assignaturas, já concorrendo com escriptos do subido valor para o lustro della.

Não foi sem estorço que podemos chegar ao ponto em que nos achamos. Quem o que não pôde aquilatar os sacrificios que exige entre nós qualquer publicação litteraria, quanto mais a de uma revista illustrada, em que disputam a primazia a nitidez da impressão, a belleza das gravuras, e a variedade e escolha do texto?

Não tanto pelos grandes despendios de dinheiro, como principalmente pelos do tempo e paciência que absorvem nos volumes anteriores esta publicação, despendios a que o publico em geral parece não dar toda a importancia devida, mas que de facto em certos casos assumem taes proporções que asseverham as maiores forças e os melhores desejos, assentamos dar d'ora por diante, em lugar de dois numeros da ILLUSTRACÃO BRASILEIRA, um só por mez, a exemplo das mais conceituadas publicações deste genero.

E' prova de que os nossos assignantes não perdem com a alteração o numero presentes.

Delle se vê que, fazendo pequena diminuição nas paginas que dois numeros juntos daviam dar, reduzi-mos consideravelmente a importancia da assignatura, vindo os assignantes a ter esta revista de artes, letras, sciencias e modas pela quantia de 14\$000 annuaes, em vez de 20\$000, importancia das assignaturas nos annos anteriores.

Sendo um dos nossos principaes fins o de generalisar quanto possível os conhecimentos uteis e agradaveis por todas as classes sociais, principalmente pelas menes elevadas, que são as que mais precisam d'elles, parece-nos que com a sobredita alteração facilitamos a estas ultimas a acquisição desses conhecimentos, que, a juizo de competentes, nenhuma publicação da ordem desta, quer no velho, quer no novo mundo proporciona com mais largueza, nem mais selectamente.

O que desejamos e esperamos é que o publico, em geral, e essas classes em particular, aquilutando devidamente os nossos bons desejos, tenham para a nossa folha aquella apoio effizaz, sem o qual empresas como esta não podem presuher o fim que se propõem.

Os editores

Ó. e H. FLEISS

O CONSERVATORIO DRAMATICO

RIO, 1.º DE JANEIRO DE 1878.

Ha meios directos e meios indirectos de levantar as nossas letras dramaticas.

Os meios directos são a creação do theatro normal com o respectivo pessoal artistico, o lycea com seus professores, etc.; ou, enquanto se não organizar definitivamente este theatro, a concessão de favores possiveis á empreza ou companhia, que se propuzer dar nesta côrte representações escolhidas pelo conservatorio.

Os meios indirectos são todos aquelles que nos paizes largamente bafejados pelas auras da liberdade, se empregam na conquista e victoria dos bons principios. O principal destes meios é a agitação pacifica pela imprensa e pela tribuna.

Quando não existe um centro que, pela especialidade de suas attribuições, direitos e deveres, se ache mais ou menos directamente ligado com o principio ou a idea cuja realisacão ou triumpho se procura promover, a revolução pacifica pode ser iniciada, dirigida e mantida por quem quer que o possa e queira fazer. Cada um tem o direito de fundar uma folha, escrever um livro, fazer preleções no interesse da idea que lhe é sym-

pathica; do principio que considera proveitoso para seu paiz.

Quando esse centro existe, e todos o vêm, e todos o apontam, o elle de facto exerce facilidades que descem da dominio da lei a praticar-se na vida social, pode-se affirmar que ninguem tem melhor direito ou mais rigoreoso dever do que elle, de dar principio, vida e direcção ao movimento patriótico.

Si estas verdades podem ter, como nos parece, applicação ao assumpto de que estamos tratando, certo o conservatorio, alliado ao dever ou direito especial de licenciar as peças destinadas ás representações publicas, tem o de promover, por todos os meios a seu alcance, a grandeza, a gloria do nosso theatro.

Nem se nos diga que a lei não creou para o conservatorio semelhante attribuição, e que o conservatorio, exercitando-a, commetteria illegalidade.

Em todos os serviços da vida policiada, ha uma parte — a parte da administração — cujo desempenho a lei deixa ao bom arbitrio de quem está incumbido do serviço, pela razão muito natural de que o talento administrativo a lei não o dá, nem o tira; pertence aquelle que em dote o recebeu da natureza; regula-o fóra talvez corceal-o, embaracá-lo os passos ou os vãos, apouca-lo ou inutiliza-lo por ventura. A lei estabelece a norma geral; a norma particular pertence a quem a faz cumprir, ou a quem a executa.

Assim, ninguem dirá que ao conservatorio dramatico é vedado publicar uma folha de critica dramatica e theatral, uma como *Revista* quinzenal ou mensal com o fim de dar a conhecer os progressos das artes nas terras estrangeiras, e de formar consoante esses progressos o nosso gosto.

Mas — perguntará talvez o leitor — quem fará as despesas dessa publicação?

Permitta-nos o leitor que a nossa resposta seja outra pergunta:

— O governo não concederá 500, 400 ou 300\$ mensaes para estas despesas?

Si o governo que, sem autorisacão legislativa, tem larguezas e generosidades para esias differentes, recusar este pequeno auxilio ao preenchimento de um fim expresso na lei, que creou o conservatorio dramatico — o de restaurar as boas normas do nosso theatro, então estará tirada a ultima prova: o governo não quer o conservatorio, não obstante ter sido elle creado por um decreto legislativo, no qual se promettem mundos e fundos a bem da arte dramatica.

Si o conservatorio sem embargo desta ultima recusa, quizer prestar por si mesmo serviços a nossa litteratura dramatica, poderá empregar os seguintes meios indirectos:

A publicação dos *pareceres* dados sobre as composições que tem de ser representadas, pareces que, destinando-se a dobrado fim — ajuizar da peça e encaminhar a revolução litteraria, devem ter mais desenvolvimento do que as simples licenças;

A critica do desempenho de qualquer composição nova, na qual se apontem os defeitos dos artistas, ou as suas grandes qualidades, a conveniente ou inconveniente distribuição dos papeis, a boa ou má enseñação, enfim, os variados incidentes artisticos que se ligam especialmente com o drama representado;

A conferencia ou preleção feita por membros do conservatorio, ou por homens de letras que queiram prestar este beneficio ao theatro de sua terra.

Temos ainda outros meios que de momento não será facil indicar, porque dependem mais de circumstancias occorrentes, do que de uma previsão tão estreita e incompetente como a do autor destas linhas.

Não ha duvida que está aqui o programma de uma revolução litteraria.

Mas quem melhor a poderá fazer do que o conservatorio, composto de talentos illustrados e progressivos?

Será utopia o que indicamos?

Não nos parece que seja, de outro modo não se desperta o interesse da opinião nas terras civilizadas.

O que não pode produzir nenhum bem, o que é inteiramente estéril, sinão ruinoso é o papel actual do conservatorio dramatico, papel que não traz nem gloria aos que não desinteressadamente delle se incumbiram, nem proveito, antes traz males á nossa litteratura.

Cumpre ao conservatorio sair desta situação ao mesmo tempo ingloria e difficil; ou dar passos para diante ou desaparecer.

Continuar a viver como viveu até hoje importa e mesmo que sancionar com seu concurso a queda do theatro, que ninguem mais do que o proprio conservatorio quereria ver grande, forte e glorioso. Fazemos-lhe esta justiça.

O leitor certamente nos desculpará que acrescentemos ainda algumas palavras em conclusão.

Tem infelizmente desicido tanto entre nós o senso moral, que não se acredita faça alguém a critica de uma obra, de um autor, de uma instituição sem ser levado a isso por interesse inconfessavel. Além de provar esta presumpção rebaixamento do nosso nivel moral, dá testemunho de que a critica entre nós tem andado mais pelos extremos do que pelo meio termo, caminho da justiça: ou então que está ainda por ser creada sobre os solidos fundamentos, fóra dos quaes em não passa de lousaminha frivola, ou de censura de zoilo.

A penna que escreve estas linhas no conceito de alguns, a quem não podemos deixar de considerar nossos desaffectos gratuitos, é penna *bi-rejosa*. A razão é porque teve occasião de estudar, antes por instancias de um amigo que ali está vivo e são, e é capaz de dar testemunho desta verdade, do que por impulso de vontade propria, obras de um autor tão geralmente respeitado o querido que se considerava, em tudo e per tudo, acima da critica.

Para que não pareça aos que tão mal julgam dos alheios sentimentos ou não digam os que são feitos em aceitar como sentença passada em julgado qualquer verso hostile a outrem, que a inveja nossa devem ser attribuidos os toscos artigos publicados nesta folha sobre o conservatorio dramatico, julgamos conveniente declarar peremptoriamente:

Que somos amigo de alguns, e respeitador o admirador de todos os membros do conservatorio, em cada um dos quaes reconhecemos talento natural e illustração mais que bastante para o cabal desempenho do lugar que ali têm;

Que nem pelo pensamento nos passou nunca a phantazia de pertencermos a tão illustre como respeitavel associação;

Que, depois destas linhas, por nossa honra não necessitamos, em caso nenhum, logar nossa associação, quando a generosidade de alguém fosse tão exagerada ou se deixasse por modo tal cegar, que nos julgasse na altura de fazer parte della.

Nenhum interesse (entendam-nos bem) nenhum interesse, a não ser o de concorrermos com o pequeno esforço que nos é proprio para a construção do grandioso edificio do nosso renomado litterario, influir por qualquer modo em em nosso nome para que tratassemos deste assumpto.

Si, não distante estas positivas declarações, ainda a *malevolencia* ou a *facilidade* não acharem para a explicação de taes escriptos outro movel que a *inveja*, restar-nos-ia um meio de escaparmos a este injusto proposito:

Não escreveríamos mais uma palavra sequer a semelhante respeito.

ESTUDOS SOBRE A TRIBE MANDURUCU

Acha-se nesta Corte o Sr. Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, residente na provincia do Pará.

Ao esforço e talento deste digno cultor das sciencias anthropologicas, deve o Brazil, além de estudos, já conhecidos, sobre gentios do Amazonas, o importante trabalho cujo titulo serve de epigraphe a estas linhas, e que é o mais completo que se tem composto sobre a tribo dos mandurucús, situada no valle do Alto-Tapajoz.

O dito trabalho, que, ao escrevermos estas palavras, temos presente, foi lido em uma das ultimas sessões do Instituto historico, geographico e ethnographico do Brazil, do qual é socio seu autor.

Forma um corpo de noticias minuciosas desse gentio, organisadas com methodo e clareza.

Tendo penetrado na propria *saldica* do Nicodemus, que é a principal da familia mandurucú, familia tão vasta que A. d'Orbigny teve duvidas em affirmar si formava só uma tribo, ou si era uma grande nação selvagem, achou-se o Sr. Dr. Tocantins em condições de observar e estudar, pelo menor, seus mais intimos e particulares usos e costumes, sua forma de governo, religião, instrumentos, utensilios, grau de cultura intellectual e moral, enfim toda a sua vida interior e exterior.

Não temos expressões para manifestar a satisfação que produziu em nós a feitura desta importante memoria, fructo de um talento por extremo modesto, que tem a observação lenta e larga, e os intuitos ao mesmo tempo elevados e proveitosos para nossa historia.

Quem souber que no Pará, onde nasceu e passou a maior parte de sua vida o Sr. Dr. Tocantins, geralmente se faz muito pouco caso de indios por obvias razões, não recusará a justiça a que elle tem direito, por ter feito, ás suas expensas, uma viagem, cujos menores perigos são os de ser-se arrebatado pelas correntezas e morrer-se despedaçado nas cachoeiras dos grandes rios, tendo unicamente em vistas pôr-se em contacto com um povo selvagem, ainda não estudado devidamente e ficar senhor, não sómente dos menores incidentes da sua vida material, sino também das mais altas concepções de que é capaz seu curto ingenho.

Além dos mandurucús, são estudados nesta memoria, que allás não passa de um manuscrito

de com paginas, varias familias selvagens cujas relações hostis são communs ao dito povo. Encontram-se ali informações especiaes sobre os parintintins a quem os mandurucús votam odio particular e impreterivel.

Em estudos da ordem dos de que estamos tratando, será hoje difficil no Brasil, depois do importantissimo livro do Sr. Dr. Couto de Magalhães, intitulado — *O selvagem*, livro que está destinado a levar a remoto futuro a memoria das nossas lettras anthropologicas, escrever-se taes assumptos sem repetir muito do que ali se lê.

Na memoria do Sr. Dr. Tocantins, entretanto, escripta sem pretensão a grandes glorias litterarias, em linguagem natural, clara e facil, a curiosidade do leitor a cada pagina é seduzida pelo encanto da novidade do costume, a singularidade do preconceito, a delicadeza da lenda, que o escriptor examina ou refere.

Segundo entendemos, nossa ethnographia está em dívida particular ao Sr. Dr. Tocantins pelo precioso presente que lhe offerece nos seus *Estudos sobre a tribo Mandurucú*.

Esta memoria deve ser publicada na *Revista do Instituto historico*, onde tem lugar natural e digno; mas, graças á amizade que de ha muito nos liga ao estudivoso parense, podemos anticipar o prazer que a leitura da memoria certo causará opportunamente aos leitores da importante *Revista* do Instituto, dando espaço em nossas columnas áquellas passagens que podem ser lidas separadamente, sem prejuizo do curso geral da obra.

Os nossos leitores encontrarão estas passagens na secção intitulada — *Ethnographia*, que para este fim creamos no presente numero.

LETRAS

O CÉGO

ROMANCE ORIGINAL ESCRITO PARA A «ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA»

PELO
Dr. Gomes de Souza

(Continuação)

Cypriano foi esmerar-se no almoço do seu antigo e generoso protector, enquanto este e a sua encantadora filha continuaram na sua conversação intima interrompida pela chegada da mulher de Antonio Joaquim.

Vês o que é julgar precipitadamente e sem reflexão, minha filha?

— Já sei sobre que papai vai fallar. Quer que diga?

— Pois dize lá, se és capaz.

— E' sobre o máo juizo que formou dessa pobre mulher depois que fallou com o mordomo do Dr. Alberto.

— Eu é que estou quasi me convencendo de que a senhora é uma grande feiticeira, Sra. D. Virginia!

— Não sou feiticeira; papai é que pelo habito de ler na sua physionomia que exprime com mais clareza do que as mais eloquentes palavras, me habituei a conhecer por ella os seus pensamentos e os seus sentimentos. Quando eu vi papai carregar as sobrancelhas e abanar com a cabeça depois que essa boa mulher sahio, adivinhei logo o que ia dizer, especialmente porque eu pensava o mesmo que papai estava pensando. Eu estava dizendo comigo: que injusticia fiz eu a essa pobre mulhier acreditando, ao sahirmos da casa do Dr. Alberto, que ella estava comprada pelo mordomo della, para realizar a nossa desgraça? Agora sinto o mais profundo e sincero arrependimento.

— Como eu, minha filha. Eu, até vinha muito resolvido a romper para sempre com ella e a mudar da sua casa. Felizmente, porém, Deus permittio que elle nos encontrasse e só pelas

suas primeiras palavras, embora em principio eu fingisse que não acreditara no que elle me dizia, fiquei logo sympathisando com elle e muito propenso a crer que era o proprio Dr. Alberto de Oliveira, e de todo me convenci, quando a comadre ao vel-o, proferio o seu nome.

— Ainda que ella não o tivesse proferido, se papai pudesse encher, viria que, pelas informações da senhora Cypriana, outro não podia ser o Dr. Alberto, senão aquelle moço mesmo, papai. O seu semblante revela a bondade dos anjos, assim como o do outro revela a hedionda malicia de Satanaz.

— Aqui ha piano, Virginia? Tens visto se ha?

— Aqui bem perto de nós está um; se é bom e se está afinado é o que não sei.

— Ha muito tempo não cantas; atrever-te-has hoje a cantar diante delle?

— Sou tão principiante ainda, papai... Se eu tivesse tido mais algumas lições, atrever-me-ia.

— Pois has de continuar a aprender, se Deus não mandar o contrario. O que é verdade é que a tua professora em Montevideo sempre me dizia que eras a melhor das suas alumnas.

— Porque as outras não estudavam, ao passo que eu raras vezes me divertia, porque nada me entretinha tanto como estudar as minhas lições, para ficar com ellas bem sabidas.

— Muito bem, minha filha; Deus, que é pai de infinita bondade, não se ha de esquecer de ti, desde que também não te esqueças dos teus deveres para com elle, para com o mundo e para contigo mesma.

Quando Epiphanio acabava de dizer estas palavras, ouviu-se a voz do Dr. Alberto á porta da sala:

— Dá licença, senhor Epiphanio?

— Póde entrar, senhor doutor, respondeu Epiphanio, sentando-se no canapé.

Erão dez horas do dia.—Alberto, depois de cumprimentar o cego e a filha, sentou-se ao lado do sophá e em frente da donzella que desta vez já não pode olhar para elle sem corar como uma rosa de Maio.

— Vamos ao tabellião, Sr. Epiphanio? pergunta o mancebo que também já não se animava a fitar a donzella como da primeira vez o fizera.

— Estou ás suas ordens, senhor doutor; mas primeiro devemos almoçar: ou V. S. já almoçou?

— Ainda não; vim de proposito almoçar aqui, porque estou sosinho e eu sentando-me á mesa sem companheiro, perco o appetito, não como.

Virginia, toca ali a campainha para vir a comadre.

A donzella fez o que o pai mandára e em poucos minutos apresentou-se a estalajadeira que, vendo o mancebo, começou a se desfazer em mil profundas zumbais que não terminariam se Epiphanio não a interrompesso dizendo:

— Comadre, o Sr. Dr. Alberto faz-nos o favor de vir almoçar connosco.

— Estava, disse a Virago, vendo os ultimos pratos na mesa e vinha chamar o senhor patrão, quando ouvi a campainha. As senhorias, portanto, podem vir.

Virginia deu o braço a Epiphanio e seguiu adiante; Alberto e Cypriana acompanharam-os á sala de jantar. A estalajadeira esmerava-se cada vez mais em tratar bem os seus hospedes. Antonio Joaquim e Bernardino deixaram de vir á mesa, o primeiro porque não podia desamparar a filha, enquanto a mulher se achava occupada, e o segundo porque estava servindo aos diversos freguezes na sala da frente.

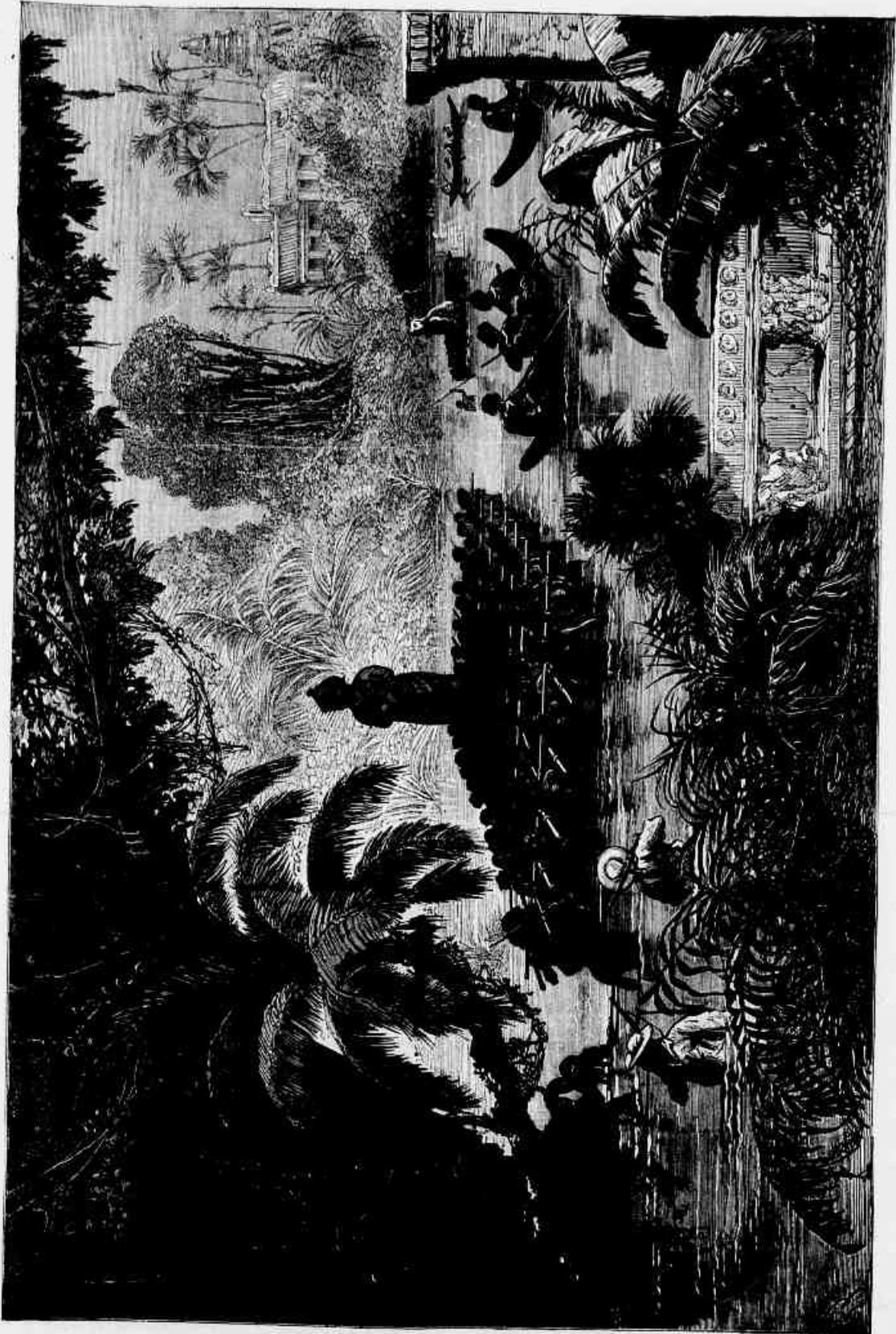
Ao terminar o almoço, o Dr. Alberto levantou uma saude ao ditoso e brilhante futuro da encantadora virgem; Epiphanio agradeceu-lhe com palavras do gratidão e lagrimas de jubilo, e ella com um olhar e um sorriso que lhe fez gosar por instantes na terra a bemaventurança do céu.

As onze horas e meia do dia Epiphanio sahio com a filha e o Dr. Alberto que os levou ao cartorio do seu tabellião para passar a escriptura de venda que fazia Epiphanio de Almeida ao Dr. Alberto de Oliveira, de uma dívida de oito contos por quatro centos contos tendo de entrar este dinheiro para o cofre dos orphãos em nome da donzella. Passada a escriptura, Alberto foi com os dois interessados á casa do juiz de orphãos e fez-lhe entrega de uma ordem dessa quantia accada contra o Banco do Brazil onde ella tinha toda a sua riqueza. As duas horas da tarde estava concluida a transação.

O Dr. Alberto acompanhou Epiphanio e Vir-



SANTO ANTONIO DE PADUA — QUADRO CELEBERRIMO DE MURILLO. — (VIDE O TEXTO)



TRANSPORTE DE ANTIGUIDADES ATRAVEZ DOS PANTANOS NO REINO DE CAMBODSCHIA

pois não desistia sem de uma pessoa carolana, de alguns transeiros caribanhos e de outros...

Voltando a casa, vi o indiano agitar a trezida do modo appovado, como que dizendo: « Adão, meu rapaz; faz bem em ir-se embora; já me estava preparando para tudo...

No dia 14, pelo meio dia, tornou-se a avistar uma Magdala, grande monte isolado, cuja antagosa massa me impressionou quando seguíamos a toda a pressa pela grande calçada do Bonifácio no intuito de atingirmos a Malaguerra...

PALA INLUDICORA DE « FIOR DE ALMA » (CONTINUA.)

Adão de Lamentaria

BENVENUTO CELLINI

(Continuação)

XV

Benvenuto confiou sua officina em Roma a Tólv, um de seus melhores discípulos, e partiu d'essa cidade com Antonio e um moço de Ferrara...

« Chegamos lá, diz elle, sempre a rit e a cantar. » O mesmo foi de Lyan a Paris.

Benvenuto já se tinha ajeitado de uma guerra dispendiosa, abraçada Fontanarossa—o Vaticano das Vênetas. Esse rei, que estava de partida para a Italia, consubstanciou a seguinte para conversar com elle a respeito dos artefactos...

« Era o rit (fiz elle) muito largo e profundo; atravessaramo por uma ponte sem parapetto. Tendo eu chegado primeiro e julgando perigoso a passagem...

Como, porém, Deus tem pena dos torres, acendi logo de um salto atrevo-me á pedra e agarrando-me a ella com uma das mãos...

Furioso com esta grossiera intercepção, disse ao homem pesadas palavras. Nessa occasião outro guia, que nada tinha feito...

« Deixa estar, que lhe porei aos hombros uma cruz, para o senhor chorar ao pé d'ella. »

Como nos acháramos então nas feitorias do Estado Veneziano com a Allomaha, foi elle em basta de gente, com a qual arremetia para mim, de lança em punho...

« Desse dia eu voo; defendi-me dos outros: são fardões de estrada, que se aproveitam do cunço para no me assassinar. O dono da estalagem, onde havíamos pintoado...

« Já, sem pecha de tempo, visitar o depois não do poder seguir no dia seguinte para o Loreto. Tive a honra de voltar...

« Foi, sem pecha de tempo, visitar o depois não do poder seguir no dia seguinte para o Loreto. Tive a honra de voltar...

« Foi, sem pecha de tempo, visitar o depois não do poder seguir no dia seguinte para o Loreto. Tive a honra de voltar...

terragações. Fiquei algumas horas em sua companhia, e, chegando a minha hospedaria, encontrei minha mesa coberta de delicados pratos e fins vidrios...

XVI

Recebido a Roma, é Benvenuto perseguido pelo papa Ferris e seu bastardo Pier Lisip, sob pretexto de se largarem a restituções do foro, que o artista habilitara a Clemente VII durante a siza do castello de Santa Anzella...

« Confidava isto ao governador de Roma, pretendo o papa passar por valente e desdenho aos olhos delle, equipando-me que fazia a confissão de suas culpas. »

« Indaguei quâto as pessoas, que o auxiliaram na fuga, e digno-lhe que a todos perdão. »

XVII

« Alguns dias depois falleceu o governador do castello de Santa Anzella na persuasão de que eu estava restituído a liberdade...

« O tal M. Duomo de Bressa, já por não abito mencionado, se ajuntava com certo soldado, phariseico em Prato, para montar-me aos alimentos qualquer lapido noctua...

« Retornei logo as minhas cruzes e dei graças a Deus por permitir que eu morresse de morte tão suave e tão diferente daquella...

« Por esse tempo o Sr. Bassi, irmão do conde de Sacresano e bispo de Pavia, achava-se preso no castello. Chamou por elle um dia vez para dize-lo que aquelles sedutores me haviam entremetido com diamante em pé...

« O conde, que era meu amigo, pomeo-me a acceção ao meu pedado. Sabendo do occorecido o novo governador, fez grando espalhato...

« Saio fidalgo os que provam a comida do papa; e pois tô, que é um vilão, não te delourar-se em provas de um homem de minha qualidade. »

« Ravergenhado pelo que se passara, odenou o governador que eu fosse, do então em diante, obediente, pondo a meu serviço um de seus assaetes. Este outro homem em dos que lamentavam a minha sorte...

« Nesse commo veio a Roma o cardinal de Ferrara. Logo a chegada foi comprometer a papa, que logo até a hora do jantar se partiu com elle...

« Pois que seja! Levão-o convoso. E dea a ordem de soltura, ergando-se da meza. »

« Mandou o cardinal, cumprir esta ordem, antes que o soube. Mandou a cardeal, que de certo se opporia á ella; e dois fidalgo da comtaria carolinica levaram mo da cadeia e ás 4 horas da madrugada no detam accessa na palácio do S. Emphicoa...

« O governador, esquecido de que seu irmão me dispensára, por acto testamento, do pagamento das despezas de encarceramento...

« Rememto-me-me o cardinal que me acenou e andasse com tanto, pois o papa já se arropiada de me haver concedido a liberdade...

« Deixo tambem de fallar no facto de ser por uma potente misterio advertido de tudo, que contra um traimento per Lasso; mas não posso guardar silencio sobre uma cosa...

« Conservava eu em franco ceto espondiar, que não se pertulava de minha, ao zomper de sal, ou aos raios potentes da tarde...

« Comparo as prida alguns versos, que didi qm ao Sr. Lusa Martinez, emta n'elles o meu encarceramento...

« Era muito bem tratado e recibia numeras visitas no palacio do cardinal de Ferrara...

« Apesar de meus urgentes trabalhos, conversava eu com elles joyalmente por longas horas. Choviao-me as encomendatas...

« Comprasi-o o cardinal em cotel-a com os que pensavam em outras cozeas...

« Benvolave, agradaram-me essas as propostas d'estes dois amigos...

« Senhores, respondi; os fillos dos reis e imperadores não en si alguma coisa de magostos ou divinos...

« Como a burguez, sinto predileção pelos meus fillos, que são os artefactos...

« Nem sempre o que é bonito no dizer é tambem bonito no executar. »

« E, voltando-me para aquellos senhores: — Os senhores fallarem e eu estatando. »

« Disse-me então o Sr. Allomaha muitas coisas amaveis realçadas por sua eloquencia e suas agradáveis mameias. O Sr. Cesario...

« Uma das figuras representativa Neptune, empunhando o tridente e paxado por quatro cavallos marinhos...

« Mstrei ao Cardinal e aos seus dois amigos o meu modelo em obra. O Sr. Cesario exclamou: — Já de obra para...

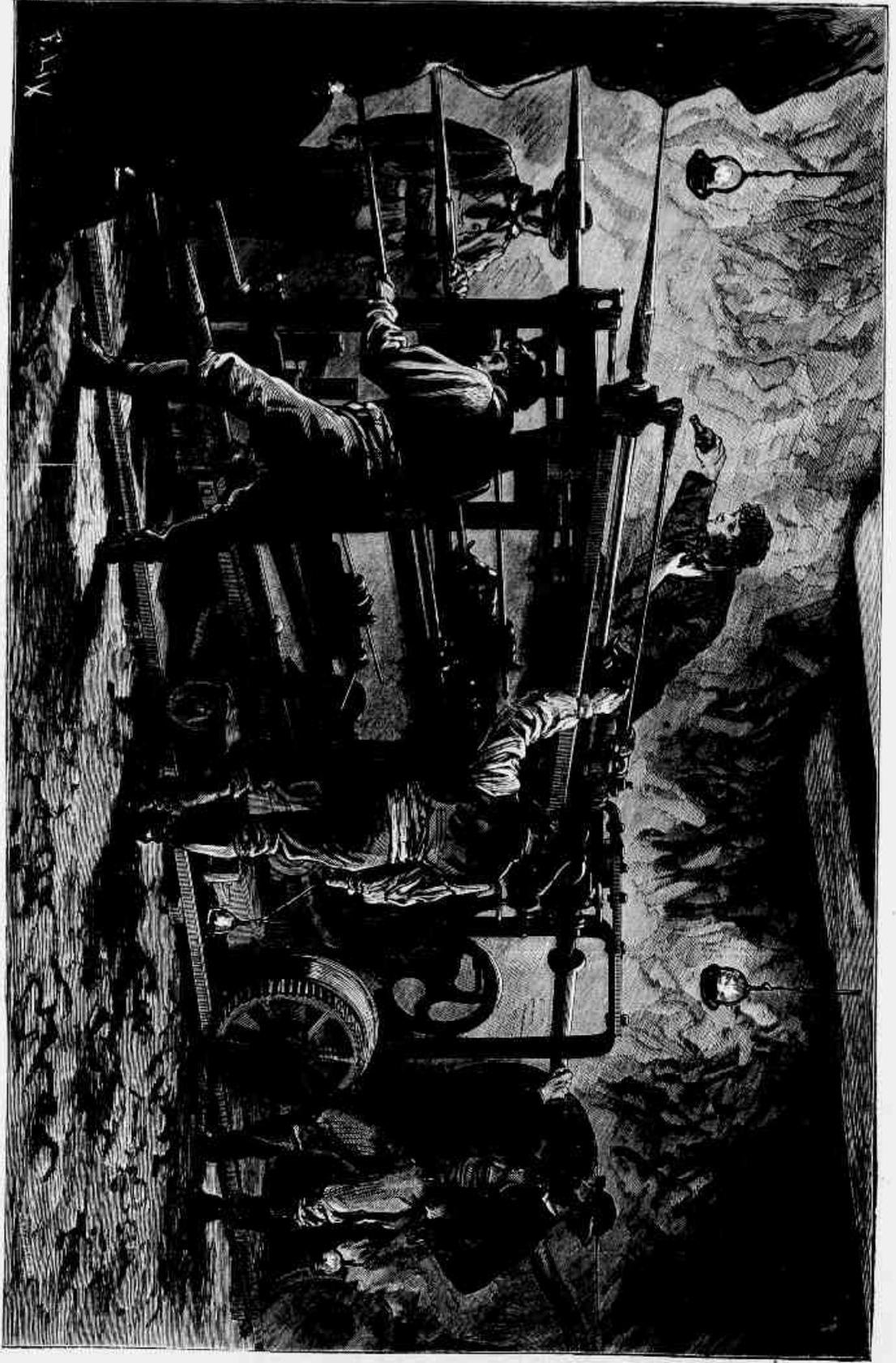
« Tinha certera de terminar esta artefacta para aquelle, que o devesa possuir. Ha de ficar melhor que o modêlo em Deus espero me conceda vida e saúde para levar ao cabo...



O TRIUNFO DE ATENAS AO MINOTAURO. — (VÊ O TEXTO)



UMA BOA CAÇADA (AFEMADO QUADRO DE V. LECLAIRE)



PERFEIÇÃO DO ST. GOETHARD — A MÁQUINA PERFEIZANTE. — (VIRE O TEXTO)

XIX



ULTIMAS MODAS DE PARIZ

Meias

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA

Toilette de casa para receber visitas. — Vestido de lã preta e seda cõr de ouro velho.

A saia com 80 centímetros de cauda, é lisa na frente e com os lados de fôrma princeza, isto é continuando o corpinho; por detrás, as pregas são unidas sobre uma banda de panto por debaixo das abas da hasquinha. Esta saia caho assim com suas pregas regulares: até meia-altura, onde uma faixa de lã atizada e furrada com seda amarella

os envolve e calhe do lado direito formando um lago grande.

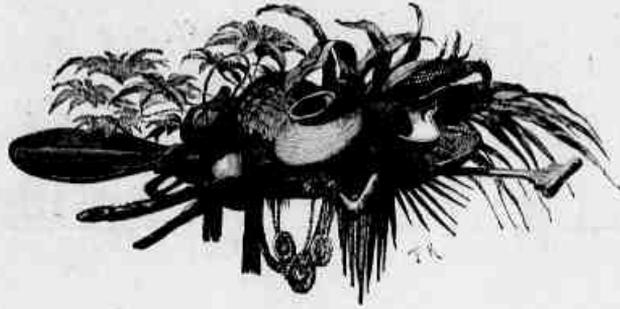
O corpinho se abre sobre um collete Luiz XV, de setim riscado de preto e amarelo, e é guardado com um colarinho cahido, alta cambêa nos mangas, e pequenos bolsos na hasquinha, do mesmo setim que o collete.



MILLBAY, PERTO DO CABO LAND'S END EM CORNGALHES (INGLATEIRA).— (VÊ O TEXTO DO N. 20)



O ESTIO. — (VIDE O TEXTO)



Com o presente numero entra a **ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA** n'uma nova phase de existencia.

Procurando um meio de tornal-a a mais barata e popular das publicações congeneres, conservando-lhe entretanto o eunho summamente artistico, e, ao mesmo tempo querendo diminuir os extravios pelo correio, visto que a remessa em logar de duas vezes se fará de ora por diante uma só vez por mez, — os editores resolverão converter esta tão conhecida e afamada publicação na presente revista mensal. Outras rasões expendidas á pagina 204 d'este numero, infuirão tambem nesta resolução toda em beneficio do publico.

Como larga compensação feita aos assignantes, cada numero conterá

20 PAGINAS DE TEXTO E GRAVURAS

NUMA

CAPA ILLUSTRADA

E OS

PREÇOS DA ASSIGNATURA

SERÃO REDUZIDOS

De 20\$ para Côte e Nictheroy a. 14\$ por anno
De 22\$ para as provincias a. 15\$ » »

Por preço tao diminuto e com o augmento consideravel do texto, que será o mais variado possivel, terão os leitores a **MELHOR DAS PUBLICAÇÕES** nacionaes illustradas, com a qual nenhuma outra poderá competir, e levará sobre outras semelhantes revistas a vantagem de dar noticias mais recentes e artigos devidos á nata dos escriptores nacionaes, sendo ella publicada e impressa no paiz.

